

Juvenal Galeno e seu Verso de Pluma e Sabre

Eduardo Campos

Quando Juvenal Galeno se punha rapaz, bem nascido e melhor criado, Fortaleza era um burgo tranqüilo, de casario batido de bons ares, cercado de sítios acolhedores, aonde iam passear os da cidade, a exhibir "chapéus de montaria, ricamente enfeitados", moda para senhoras e cavalheiros; deles, de mola, e mais ditos franceses, e do Chile, todos muito finos, e assim os de palha da Itália, além de bonés de velbutina, para meninos que acompanhavam os pais em suas caminhadas, por exemplo, ao Alagadiço-grande. É como nos sugerem os anúncios insertos n'O COMMERCIAL de 27 de agosto de 1857.

Descrevendo a Fortaleza da década de 60-69, Renato Braga, a documentar com irrepreensível seriedade a expedição da Comissão Científica de Exploração ao Ceará, conta que as gentes abastadas desses dias desconheciam entre nós pompa e luxo. "Haviam conseguido fortuna à custa de uma poupança semítica. O meio não comportava pródigos nem desdenhadores da parcimônia."

Custa crer assim fosse. Ainda que resguardados de ostentação, não poderiam os fortalezenses deixar de comprar o que de chique lhes ofertava Dezidério Antônio Miranda, cuja loja também se destacava, como a de Albano & Irmão, na venda de chapéus elegantes para montaria, luvas de qualidade superior, popelines de Paris, famosos chales de merinó, alpacas e lapins. Havia de um tudo, à farta, para requintar os citadinos, desde os "cortes de coletes de cetim de Macau, bordados a

agulha", vendidos a 8\$000, até os tecidos pretos da moda, os chamados finos, principalmente "princesas".

A se admitir como certa a arrecadação da Câmara Municipal de Fortaleza, para o quarto semestre de 1857, a edilidade recolhia 38\$400 de impostos sobre carros de luxo, o que é excelente indicador da quantidade de veículos existentes.

Fortaleza, assim, se para uns era cidade bisonha, para não dizer atrasada, para outros como nós, mais otimistas, vinha estágio de apreciável desfrute social; tinha tudo para contentar o talento promissor de Juvenal Galeno que, voltando para a província, trazia debaixo do braço o seu primeiro livro, *Prelúdios poéticos*, e pelo menos um conto, ainda impregnado da atmosfera da corte, publicado ao jornal *Commercial* de 2 de julho de 1857, de nossa cidade.

Tem-se, nessa primeira mostra de prosa ficcional do autor de *Lendas e Canções Populares*, episódio nitidamente romântico, muito a gosto da época, em que é contado o drama do burgês Leopoldo, freqüentador de salões e teatros, e num destes flechados pelo Cupido, que o torna poeta, incontável apaixonado a firmar impressões no álbum de sua *Madona*, "anjo que encanta e enebria com as harmonias de sua voz... com a magia de seus encantos", — como está escrito.

E sucede noite, no conto, em que se dá bonito espetáculo no Teatro Lírico. A juventude dos 21 anos de Juvenal Galeno descreve-o assim:

"A enchente era completa. Ondas de luz e harmonia faziam os corações palpitar de emoção, e o entusiasmo brilhava nas faces dos espectadores, à exceção dos agiotas — dos homens sem coração — que buscam o Teatro para satisfazerem os caprichos de sua consorte, filhas, ou para esquecer *muita coisa*.

Há homens assim: tenho-os visto insensíveis ao escutarem as mais suaves harmonias de Bellini, e as mais ardentes inspirações de Verdi. Nunca me hei-de esquecer da gargalhada estúpida que um agiota soltou uma noite perto de mim, quando Margarida — a *Dama das Camélias* — morria junto do amante.

Dizia um meu colega que o homem que não gostava de música, de flores e moças formosas, era estúpido infalivelmente. Confesso ao leitor que sou da mesma opinião. Mas, como vos dizia, — a enchente era completa.

Lindas donzelas, braços torneados, olhares sedutores, colos alvos e aveludados, lábios encarnados, cabelos negros e

lustrosos, colares e pulseiras de pérolas adornavam os camarotes e prendiam as vistas dos cavalheiros."

Agora falamos nós: terminada a encenação, a prima-dona recolhe-se à casa. E em seu salão, momentos depois, passa a receber seus amigos... e, como adivinham, o apaixonado Leopoldo, sob a ardência da paixão.

Transcorre cediço diálogo dos que amam sob os mil olhos julgadores da sociedade. Leopoldo deseja *Mademoiselle* à sua maneira de conquistador rico e caprichoso, querendo submeter a amante à união sigilosa. Mas ativa, ela repele:

"— Não, senhor Leopoldo; não consentiria eu nunca n'um casamento clandestino... não acarretaria sobre meu esposo as maldições de sua família... Oh, nunca!"

Um passo mais adiante, aditando considerações:

"— Escutai: o afeto que me despertaste n'alma é puro e extremoso, e assim não consentiria jamais torná-lo um instrumento de infortúnio para o homem a quem me consagro. Não semelhar-me-ei a *Macenilha*, que com o benéfico refrigério da sombra dá morte ao cansado caminheiro que a procura. Senhor, lembrai-vos que tendes uma família nobre a quem respondereis por vossos atos."

O momento melhor do conto está no desenvolvimento final, noite de café mundano. É aí que o texto corre rápido, sincopado, pondo à vista a criatividade do autor.

Há nesse final um ritmo de exposição que cresce e avança no tempo, qual estilo atual, moderno. Por isso agrada, não só pelas sugestões do que descreve como freqüência carioca, noturna, mas pelas informações do cenário e suas circunstâncias.

Senão vejamos:

"O café do Francione está cheio de fregueses: trabalham as máquinas de sorvetes, e derretem-se nos copos com o calor excessivo; os criados correm, abalroam-se, e confessam ingenuamente que não podem servir a tantos cavalheiros ao mesmo tempo: esperem, meus senhores! é preciso paciência.

Já ali quebrou um criado, com a pressa, um copinho que levava para encher de sorvete: Francione franziu a testa e o mísero garçon empalideceu pensando no ajuste de contas.

Mais adiante caiu um sorvete do copo e vai-se derretendo no chão.

Café para dous! Gritam como possessos dois mineiros batendo sobre a banca de mármore.

Café? com semelhante calor, meus srs.?... diz um gordo e reformado coronel, que vizinho oferecia um copo de creme gelado.

Uma ceia! grita um estudante magro, e pálido, puxando por uma bolsa tísica e contando cuidadosamente uma pataca de cobre.

Esperem, meus srs! É preciso paciência!

Que barulho fazem estes srs. com as colheres nos pires!

Garçon! Traze charutos de Havana, dizem dois mancebos que acabam de tomar sorvetes e lêem o *Correio da Tarde*."

Retomamos a palavra: os dois jovens que conversam contam o desenlace amoroso de Leopoldo e da bela cantora de ópera. E revelam que o desventurado apaixonado, "completamente desfigurado", parte para a Madeira à busca de novos ares...

A influência do Rio de Janeiro, então capital do País, é decisiva nessa fase do prosador. Mas a seqüência final do homem mais fiel em observar as coisas simples.

Já no Ceará, em contacto com a paisagem do nosso "locus conto, a que aludimos, anuncia o que será Juvenal Galeno, amenus", ele desvinctula-se das narrações rebuscadas em que vige a preocupação pela afetação, pela erudição acadêmica, das quais é exemplo aquele "O Teatro e o Baile", onde um mundo que não é nosso se intromete a todo instante: idéias e citações francesas, italianas; colos de cisne, olhos de Andaluza; referências esnobes, cavalheiro amado por *paladim* e amado por *donoza dama*.

Mas Juvenal Galeno ainda nos daria agradáveis momentos de prosa, então mais afeiçoados ao nosso ecúmeno e despojados da influência civilizatória do Rio de Janeiro, do tempo em que ali viveu após concluir o Curso de Humanidades entre nós. De exemplo o tão nosso *Dia de Feira*, página inserta antes no seu *Cenas Populares*, e, posteriormente, a melhor dizer, mais recentemente incluída no volume "Pacatuba — Antologia do Centenário", edição de 1969, *Imprensa Oficial*.

Nele reencontramos o mesmo estilo que, no diálogo, na descrição de ambientes, se entremostrara naquele conto publicado n' *O Commercial*, como se observará a seguir:

"E o povo entra, sai, compra, vende, conversa, ri-se, questiona, abraça-se e por entre esses rumores a nota soluçosa e gemebunda da cantiga e rabeca do cego mendigante; e os brados dos vendedores:

- Laranjas doces! Quem me compra estas laranjas?
- À pataca... à pataca... farinha alva e torrada!
- Chega, gente, que o fumo bom está se acabando!
- Carne gorda!... estou queimando; estou entregando por todo preço!
- Mangabas... mangabinhas e muricis das praias!", etc., etc.

O poeta, no entanto, vai prevalecer. A 13 de novembro de 1864, por ocasião do inesperado falecimento do líder político, major Leandro Custódio de Oliveira Castro Jucá, abatido pela febre amarela, Juvenal Galeno dedica à sua memória a "poesia americana", "Jucá", desse modo qualificada. É página indianista, já se vê, em tom da moda, com mensagem trágica e pungente que começa assim:

"Luto e tristeza, consternação e mágoa,
Agros gemidos pela dor coados
Na taba d'Inhamuns!"

No corpo do poema o poeta contrasta os momentos vividos pela tribo: uns, de alegria, à comemoração das vitórias de Jucá; outros, os que se sucedem à decepcionante informação de que o grande chefe não mais pertence ao nosso mundo.

Vale reproduzir o final do canto VI, e, em seguida, totalmente o VII e trecho do VIII, como os fomos recolher às páginas do CEARENSE de 25 de novembro de 1864:

"Oh, folgai, folgai d'Inhamuns, guerreiros!
Folgai contentes! Que Tupan conserve
Nas vossas glórias, o tribuno ilustre!
É justa a causa, qu'ão prazer convida:
Tangei, Piagas, o maracá depressa!
Borés estrujam, murmurés, inúbias;
Fervam nas taças, de sapucaís feitas,
Cauins ardentes! Que se anime a dança!
Folgai, guerreiros! Ao prazer, à festa,
Oh filhos d'Inhamuns!"

VII

Mas, eis que chega
Um novo expresso! Porventura as novas
de mais triunfos? Que bem vindas sejam!
Que fale em breve... pois não vê que todos
Ora as esperam... que as espera a festa?!
Que fale o expresso... Mas que torvo aspecto
O seu, agora! E que pranto aquele
Que traz nos olhos!... Toda a tribo aflita
Dele se acerca, mil perguntas faz-lhe...
Té que'elle fala... ai, não fala, geme
Em curtas frases:

— "O maldito fogo,
"Que o sangue abrasa... lá na grande taba..."
"Agora reina... e Jucá..."

— Dizei-nos...
Todos suplicam... que o tribuno ilustre,
E nossa glória... o guerreiro bravo...
É são... não sente d'esse fogo as lavas
Dentro das veias... Repeti... dizei-nos...
Que vive o chefe...

— "Já não vive... é morto!"

VIII

Ai, dor tamanha! Tem acaso a inúbia
Sons que a revelem?! Miseranda taba!
Quais tuas culpas para penas tantas?
Que mal fizeste, que Tupan castiga
Tremendo, irado? Profanaste acinte
O chão dos mortos, ou negaste abrigo
Ao forasteiro que de força exausto,
Com fome e sede, suplicava amparo?
Oh, não por certo! Mas que dor tamanha!
Quais tuas culpas para penas tantas?!"

Dessa mesma época são os deliciosos quartetos da poesia *Infância*, em que sobressai a maioria dos versos pelo toque de singeleza e saudosismo tão meridianamente visíveis na criatividade do autor de *Lendas e Canções Populares*. Chora o poeta o outro Juvenal menino de novenas e batizados, folgedos e casamentos, de contos da Mãe-d'água e do gigante en-

cantado; das festas de São João, dos bailados, do boi dançarino e mascarados; o de ser padre, padrinho e convidado; o dos brinquedos, ao tempo do *Tempo-será*...

Que amargura na caminhada do poeta para o passado!

Quanta beleza, quanta emoção flagrada nestes versos lidos ao CEARENSE (outubro de 1965). Vão figurar no seu segundo livro, mas o tema decide a preferência pelos dias já vividos...

Aqui estão os últimos quartetos:

"Já não tremo de contente,
Quando passa a procissão,
Nem quando chega o domingo,
O Natal, ou São João.

Meu oratório perdeu-se,
Como os amigos de então;
Se estes vejo... que mudança!
Já não me conhecem... não!

E as meninas? São senhoras,
Que não se lembram de mim!
Estranho sou hoje a todos....
Tudo o mais perdi assim!

Apenas me restam n'alma
Saudades de minha infância,
Que findou depressa como
Da rosa finda a fragrância."

O poeta, por esses dias, sabe o que lhe dita o coração sensível. Seu segundo livro está chegando ao público e deste modo anunciado aos jornais: *Lendas e Canções Populares*, de Juvenal Galeno. Acha-se no prelo esta obra e breve será publicada, formando um volume de mais de 300 páginas, em 4.º, nitidamente impresso. Recebem-se assinaturas na Tipografia de João Evangelista, nas livrarias de Joaquim José de Oliveira e Afio Bezerra de Menezes & Cia., Preço do exemplar para os assinantes: 4\$000".

O êxito de *Lendas e Canções Populares*, não o contamos aqui, que nosso objetivo é outro: revelar, como o fazemos, aspectos pouco conhecidos ou ainda não anotados desse inspi-

rado das musas que nos legou um testemunho de amor ao Ceará e seu povo.

Mas a longevidade abençoada que prolongou os dias de Juvenal Galeno contribuiu para que retivéssemos dele a idéia pouco adequada à sua maneira de ser, de se impor. Teimamos tê-lo sério, intocável menestrel de barbas brancas, de imagem assim perpetuada para nós e os pósteros, quando na verdade não era menos ponderável o seu espírito jovem, sua disponibilidade verbal para contestar como cidadão os que se opunham à sua maneira alegre e sã de viver.

Em nossas pesquisas, repetidas vezes o contemplamos em seu natural, homem de vida comunitária, ligado ao povo, a lutar pela liderança religiosa da Confraria de Nossa Senhora da Conceição, de Pacatuba, de que foi juiz.

Naquela vila de pé de serra Juvenal Galeno fez o seu mestrado para a vida. Ali viveu seus dramas e participou de quizílias naturais ao meio, qual aquela em que se envolveriam o próprio poeta, o capitão Afrânio Benevides e o Pe. Ignácio de Moraes Navarro, tendo por palco a igreja-matriz de Pacatuba.

A 5 de janeiro de 1867, por exemplo, estava marcada a eleição da mesa da irmandade. Mal começam os trabalhos na igreja, eis que surge o reverendo Navarro, a diligenciar a retirada da imagem do Senhor do altar-mor. Segue-o o capitão Benevides, estabonado, invectivar insultuosamente o presidente da mesa, Juvenal Galeno. E como se não bastasse, com a conveniência do padre, manda guardar as janelas por escravos e empregado, que o acompanhavam.

O padre Navarro é político astuto e ardoroso. Em vários momentos surge diante de Juvenal Galeno como sério obstáculo à sua liderança municipal. É o sacerdote que de modo astucioso, mas sem reparar no perigo do ridículo a que se expunha, tenta processar o poeta em divertido e cômico episódio da vaca, de que nos ocuparemos à frente.

No dia 16 de julho desse mesmo ano, isto é, em 1857, o jornal *O Commercial* acolhe "o pedido" firmado por Malaqueta, pseudônimo que esconde a identidade do autor de *Lendas e Canções*.

A matéria paga registra a "Carta 1", de "Martim Malaqueta ao seu cunpadre João Gamela", sob a epígrafe: Sermões. "Há muito tempo o Navarro não me fala em pregar um sermãozinho. O homem depois que meteu-se com quartos na feira e que perdeu a demanda da vaca, esqueceu-se de cultivar o talento oratório. Pois é pena!

Eu pedi a Deus Apolo
Que me desse inspirações,
Para glosar com cadência
Do Navarro os bons sermões!

Perguntei um dia ao Pégaso
Se nas altas regiões
Não gritava a Fama altiva:
Do Navarro os bons sermões.

Certa noite meditando
Eu disse com meus botões:
Já não ouço — oh! que tristeza! —
Do Navarro os bons sermões!

Pacatubanos à frente!
Com a força dos pulmões,
Digão todos, todos gritem;
Do Navarro os bons sermões!"

Esse incidente prossegue. Vai aos jornais da época, em várias ocasiões; dura anos. Em 1868, ao serem mudadas as imagens da igreja (então sob a guarda do Tenente Crisanto na sua residência), para a matriz, organiza-se a sociedade do lugar em desfile processional. e pela primeira vez, atendendo a uma sugestão de outro reverendo, padre Prat, o andor principal vai ser conduzido por moças virgens, todas vestidas de branco, como inspira antigo costume europeu.

"Quê? Mulheres carregando o andor?! Não, não pode ser!"

Revoltado e inconformado, outra vez o Capitão Benevides quer opor-se à providência do presidente da irmandade, que, a despeito de tudo, continua sendo Juvenal Galeno.

O poeta é espetáculo à parte, esse dia! Reage altivamente. E, como conta o jornal *Pedro II* do dia 1.º de fevereiro de 1868, "faz sair a procissão arrostando a valentia e os abusos da autoridade".

Em tempo: o Capitão era o subdelegado de Pacatuba.

São esses os bons momentos do outro Juvenal, aos 32 anos, religioso e herói popular — e não o contemplativo bardo que celebramos sob o culto de aprendizagem didática que escamoteia, desgraçadamente, o delicioso lado humano de sua vida. É o impetuoso alferes da Guarda Nacional a serviço dos humildes, do povo pobre de Pacatuba, e que torna ali o seu

verso uma inesperada arma de defesa dos direitos humanos. Se houve quem lutasse com versos, esse lutador foi Juvenal Galeno! É como se revela ao longo de seus venturosos dias pacatubanos, cobrindo de ridículo os despreparados, as autoridades comprometidas que chegam a ponto de ordenar o auto de corpo de delito numa vaca.

Conheçamos o divertido teor dessa peça de inquérito:

“Aos três dias do mez de fevereiro do ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos e setenta, nesta vila de Pacatuba, termo da cidade de Maranguape, comarca do Ceará, em a casa de residência do major Estevão José de Almeida, subdelegado de polícia, comigo escrivão, a de seu cargo abaixo nomeado, os peritos notificados, o professor Norberto Gonçalves Peixoto, Joaquim Ignacio de Melo, na falta de profissionais, ambos moradores nesta vila e as testemunhas o Capitão Antônio da Costa dos Anjos e o Tenente Joaquim Tavares da Silva Campos, este morador em Maranguape, e aquele na Guaiúba, o juiz deferio aos peritos o julgamento aos Santos Evangelhos de bem e fielmente desempenharem sua missão, declarando com verdade que o que descobrirem e encontrarem, e o que em sua consciência entenderem; e encarregou-lhes que processem a exame em a vaca que se achava presente com um tiro na cabeça e que respondessem aos quesitos seguintes: 1.º — se há o ferimento ou ofensa física; 2.º — se é mortal; 3.º — qual o instrumento que o ocasionou; 4.º — se houve ou resultou mutilação ou destruição de algum membro ou órgão; 5.º — se pode haver ou resultar essa mutilação ou destruição; 6.º — se pode haver ou resultar inabilitação de algum membro ou órgão sem que fique ele destruído; 7.º — se pode resultar alguma deformidade, e qual ela seja; 8.º — se o mal resultante do ferimento ou ofensa física produz grave incômodo de saúde; 9.º — se inabilita do serviço por mais de trinta dias; e finalmente qual o valor do dano causado. Em consequência passaram os peritos a fazer os exames e investigações ordenadas e as que julgaram necessárias; concluídas às quaes declararam o seguinte: Que encontraram um ferimento no olho esquerdo da vaca do requerente do qual resultou ter ficado a vaca com olho furado. E além dos caroços de chumbo empregados na menina do olho, foram empregados mais seis ao redor do mesmo olho, pelo que acha-se as carnes ao redor do olho completamente inchadas, e que, portanto, respondem: Ao 1.º quesito, que sim; ao 2.º, que não; ao 3.º, arma de fogo; 4.º, que sim; ao 5.º está

respondido pelo 4.º; 6.º fica também respondido pelo 4.º; ao 7.º, que resultou a deformidade do olho que se acha completamente destruído; ao 8.º, que sim; e, finalmente, quanto ao valor do dano causado eles o arbitraram em quarenta mil réis; e são estas as declarações que em sua consciência e debaixo de juramento prestado deu-se por concluído o exame ordenado de tudo e se lavrou o presente auto, que vai por mim escrito e rubricado pelo juiz e assinado pelo mesmo perito e testemunhas", etc. etc.

Juvenal Galeno é parte desse inusitado episódio. E se ergue, juvenalíssimo, para satirizar, debitar e apontar as falhas dos que participam dele. E canta a desdita da vaca, com versos ofertados a "sensíveis corações", acolhidos pelo CEARENSE, edição do dia 21 de julho de 1871:

"Peitos de rola, corações sensíveis,
Ai, vinde e consenti qu'um olho vosso,
Um olho ao menos, terno quanto escorra,
Sobre os olhos d'uma vaca miseranda!
Que chore o caso qual merece o caso,
E o caso pede multidão de lágrimas!
Oh sim, ouvi-me! — Nos verdosos prados
Pastava a mísera... descuidosa vaca.
Talvez cismando como cisma a lua
Louca de amores pelos céus, ou como
Certo caíra em Pacatuba, quando
Planeja um calo dos ilhéus na bolsa!
Bem cedo ainda, no verdor dos anos,
Amara a desgraçada, e logo incauta,
Chorou, perdida... arremessada às mágoas!
E assim debalde suplicou justiça!
E teve a sorte da Guilhermina imbele,
Raposa e outras desventuradas virgens
Quando um perverso... um libertino velho,
Das leis em guarda, empoleirado abutre.

Tornando-as pasto d'infernais desejos,
Abandonou-as no fatal alcance!
Talvez tivesse por sedutor o mesmo
A triste vaca... ou certamente fora
Qual o devasso um debochado touro!...

Peitos de rola, compassivos olhos,
Chorai dez litros de sentidos prantos!

E, pois, cismava a miseranda vaca
Comendo as hervas da lavoura alheia...
E isto é um crime?... Ora qual! Não vemos
Ali manter-se com o pirão dos pobres,
E d'outrem a bolsa, o desumano Verres
Da Pacatuba, se infelizmente um dia
A férrea vara da polícia empunha?
Não come os réditos, impunemente, há muito,
Duma orfãzinha, cujos bem governa?
Não rói os cobres do bestial Medeiros,
Ai, como os lambe o caçador astuto
Não dá dentadas no cupim às vezes?
Não janta os mimos do servil orgulho?...
Se pois um crime cometia a vaca
Oh, quantos... quantos não pesam às costas
Rei de mentira, oh carga-torta infausto?...
E, oh, entretanto, da lavoura o dono
No fato enxerga capital delito!...
E agora um seixo e sem temor sacode-o...
E o seixo voa... esburacando os ares...
E mensageiro da cruel vingança,
Bateu chegando e por bater, lá fura
O olho... o olho da cismadora vaca.

Peitos de rola, compassivas pálpebras
Chorai dez litros de sentidos prantos!

Ai quantas dores, que sofrer, que angústias!
Quantos gemidos, desespero e mágoas!
Ai, triste vaca, que sombria sorte...
Que fada austera preparou desgraças
Em teu futuro?... Quem te vinga a afronta,
Punindo o crime de que foste alvo?
Ninguém, por certo, se não fora Estêvão,
Egrégio Estêvão, da Justiça o braço!
Pedes vingança, pois serás vingada!...
Já sobe a espada justiceira e em breve
Segura descera sobre o cachaço
De quem a pedra arremessou-te irado

Qual n'outras eras, sobre a esposa adúltera,
O povo de Moisés... E dito e feito!
Chegando a vaca na presença augusta
Do exímio Estêvão começou-se o feito...

Mestre Norberto comparece logo,
Apressadinho, seu rapé tomando...
Falta um perito... Joaquim Nácio serve
Em falta d'outro... E o tabelião do crime
Escreve, escreve como Estêvão dita!
E foi escrito que sofrera a mísera
Um grave incômodo de saúde... é certo
E que ficava inabilitada... oh fado!
Por trinta dias de qualquer serviço!
E avaliado n'uns quarenta bodes
Da triste o olho... e vinte e dois bodinhos,
Já para as custas, que o escrivão do feito,
Mestre Norberto, Joaquim Nácio, Estêvão
Se tanto apanham, bem merecem tanto!
E assim n'um ápice, por barato preço,
A luz foi feita da justiça... E enquanto
Mestre Norberto, alegrezinho, esperto,
A mão estende p'ra segurar os cobres...
Gemia a vaca, miseranda, a triste,
Sem um consolo! Desgraçada! Como
Viver podia e namorar nos campos
Cega de um olho! Que mancebo touro
Viria amores lh'ofertar berrando!?

E assim a vaca descorrendo aflita
Aí contemplava co'o derradeiro olho
O braço da justiça, a mão d'Estêvão,
Que perto arruma seu quinhão das custas,
Os cabrestos, na gaveta exausta,
Cruenta sorte! que porvir medonho
Restava à vaca? Corações dementes,
Eu vos dedico, de infortúnios tantos,
O auto ou termo! Umedecei-o, lendo,
Com oito litros de sentidas lágrimas!"

Causticante, inesperada e inteligente peça poética de quem com invejável talento e poder criador soube impor-se à consideração de seus concidadãos.

A peregrinação que fiz pelos jornais do século passado, do acervo da hemeroteca da Biblioteca Pública do Estado, ensejou o descobrimento desse Juvenal Galeno que lhes acabo de repassar, imaginoso e criativo, voluntarioso e mordaz, que ao longo de sua existência sempre demonstrou porque abdicou do exercício da prosa.

É que o seu verso era pluma e sabre ao mesmo tempo.